

CADEIRA 1

PATRONO
ALFREDO DE ASSIS GONÇALVES
8/7/1884 - 21/1/1948



Fundador: HAMILTON LACERDA SUPPLY
2º Titular: RICARDO PASQUINI

ALFREDO DE ASSIS GONÇALVES

8/7/1884 - 21/1/1948

Alfredo de Assis Gonçalves, filho de Rosalina de Assis e de João Umbelino Gonçalves, nasceu em Canavieira, Bahia, no dia 8 de julho de 1884.

Completoou a educação secundária no Colégio Spencer em Salvador e cursou a Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1903 recebeu o título de farmacêutico e em 1906 o grau de doutor em Medicina defendendo a tese *Prenhez Tripla*.

Embora possuísse personalidade austera, Assis Gonçalves era afável, bondoso e muito respeitado. O humanitarismo, que marcaria sua carreira, despertou quando ainda estudante ajudou a socorrer as vítimas de uma enchente do rio São Francisco.

Em 1907 trabalhou como médico do navio Jequitinhonha em viagem pelo sul do país. Depois foi ao Amazonas prestar assistência às populações ribeirinhas, mas contraiu malária e voltou para Salvador.

No final de 1908 veio ao Paraná trabalhar no Núcleo Colonial Miguel Calmon e em 1910 foi nomeado médico do Serviço de Higiene de Curitiba.

Em outubro de 1910 embarcou para Paris. Estagiou em grandes hospitais e lá, estudando com Levaditi no Instituto Pasteur, resolveu dedicar-se à Microbiologia. Na mesma viagem visitou a Bélgica, a

Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Espanha e Portugal.

Ao regressar continuou trabalhando para o município como médico legista da Assistência Pública e do Corpo de Bombeiros de Curitiba. Em 1912 participou da Campanha do Contestado e foi o responsável pela exumação do corpo do coronel João Gualberto Gomes de Sá.

Na época, os serviços de saúde municipais e estaduais sofreram várias reestruturações e o Instituto Pasteur do Paraná passou a ser controlado pelo Estado. Assis Gonçalves acumulou os cargos de diretor do Instituto e de assistente da Seção de Profilaxia da Raiva. Em 1928 foi chamado pelo governo de Santa Catarina para organizar o serviço de combate à raiva naquele Estado.

Em 1940, após trinta e cinco anos de atividade, aposentou-se do serviço público.

Contudo, a maior parte de seu trabalho desenvolveu-se na Universidade do Paraná. Na volta da Campanha do Contestado, a convite de Nilo Cairo, juntou-se aos fundadores da Universidade. Por ser médico-legista, designaram-no professor da Faculdade de Direito, mas logo começou a lecionar na Faculdade de Medicina. Em 1913 nomearam-no professor de Fisiologia e após rápidas passagens pelas cadeiras de Clínica Pediátrica e de Química Médica foi transferido para a de Microbiologia. Em 1923 tornou-se catedrático da cadeira e exerceu a função até 1945. Também participou do Conselho Universitário e do conselho técnico das Faculdades de Medicina e de

Direito e foi provedor da Maternidade do Paraná.

No período em que a Faculdade de Medicina passou por uma crise que ameaçou a continuidade da escola, Assis Gonçalves era um dos “gramofones” — como mais tarde seriam pitorescamente chamados por Milton Carneiro os professores que regeram as mais variadas disciplinas dos cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia evitando que vagassem. A dedicação à Universidade do Paraná fez com que avalizasse títulos bancários carentes de garantia para possibilitar a construção do edifício da praça Santos Andrade e com que cedesse aos apelos de Victor do Amaral para assumir a Secretaria da Faculdade de Medicina. Foi eleito diretor da Faculdade em 1946 e permaneceu no cargo até a morte, em 21 de janeiro de 1948. Em sua gestão iniciou-se a construção do Hospital de Clínicas.

Assis Gonçalves foi um dos fundadores da Sociedade de Socorro aos Necessitados, instituição filantrópica que ainda hoje presta serviços aos desvalidos e idosos. Precursor da assistência social, em 1928 ele e alguns colegas organizaram a Policlínica Operária que prestava socorro médico e odontológico a trabalhadores.

Chefe de numerosa família, integrou-se perfeitamente na comunidade curitibana. Deixou um filho médico, Alcebíades Mäder Gonçalves, professor-assistente da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.



*Celebração da Páscoa dos Médicos na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. Na primeira fila, sentados, da esquerda para a direita: Joaquim de Matos Barreto, Mario Braga de Abreu, Miguel Isaacson, Victor do Amaral, arcebispo Atico Euzebio da Rocha, **Afredo de Assis Gonçalves**, Aluizio França, João Vieira de Alencar, Celso Ferreira e José Loureiro Fernandes.*

CADEIRA 2

PATRONO
ALUIZIO FRANÇA
6/4/1884 - 6/6/1964



Fundador: LEDO DE LA FAYETTE M. MACIEL

ALUIZIO FRANÇA

6/4/1884 - 6/6/1964

Aluizio França, filho de Josefina Martins e de Luiz Ferreira França, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 6 de abril de 1884.

Em 1912 formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e obteve o grau de doutor com a tese *Angüilulose* - dissertação sobre a ênfase dada às verminoses intestinais como fator de saúde pública e a sua influência nas populações rurais e na economia.

Voltou para Curitiba em 1914 e começou o exercício da Pediatria. Foi o primeiro especialista do Paraná neste campo da Medicina.

Aluizio França integrou-se na Universidade do Paraná, fundada um pouco antes do seu regresso a Curitiba. Defendendo a tese *Ferrum Therapia* foi aprovado para reger a cadeira de Farmacologia e tornou-se o primeiro catedrático da Faculdade de Medicina nomeado por concurso. De 1915 a 1955 ensinou Terapêutica Clínica. Em 1918 regeu, ainda interinamente, a disciplina de Farmacologia e em 1924, a de Clínica Pediátrica. Ao se aposentar recebeu do Conselho Universitário o título de Professor Emérito.

As preocupações sociais fizeram com que transcendesse a prática da clínica privada e lançasse na Cruz Vermelha a ideia da instalação de uma policlíni-

ca infantil, semente do Hospital de Crianças.

Com talento literário e empenhado em divulgar conhecimentos de saúde infantil encontrou um eficiente instrumento para o trabalho educativo na publicação, em jornais locais, de histórias nas quais lutava contra uma imaginária dona Candoca — comadre ignorante que espalhava crendices e preconceitos danosos sobre o cuidado com as crianças — transmitindo assim, na linguagem simples do povo, os corretos preceitos de higiene à população.

Interessou-se particularmente pela crenoterapia e criou a Estância Hidromineral de Santa Clara, instalada pelo governo estadual no oeste paranaense. A construção começou em 1952 e coube a ele a superintendência da obra até 1958, pouco antes da inauguração.

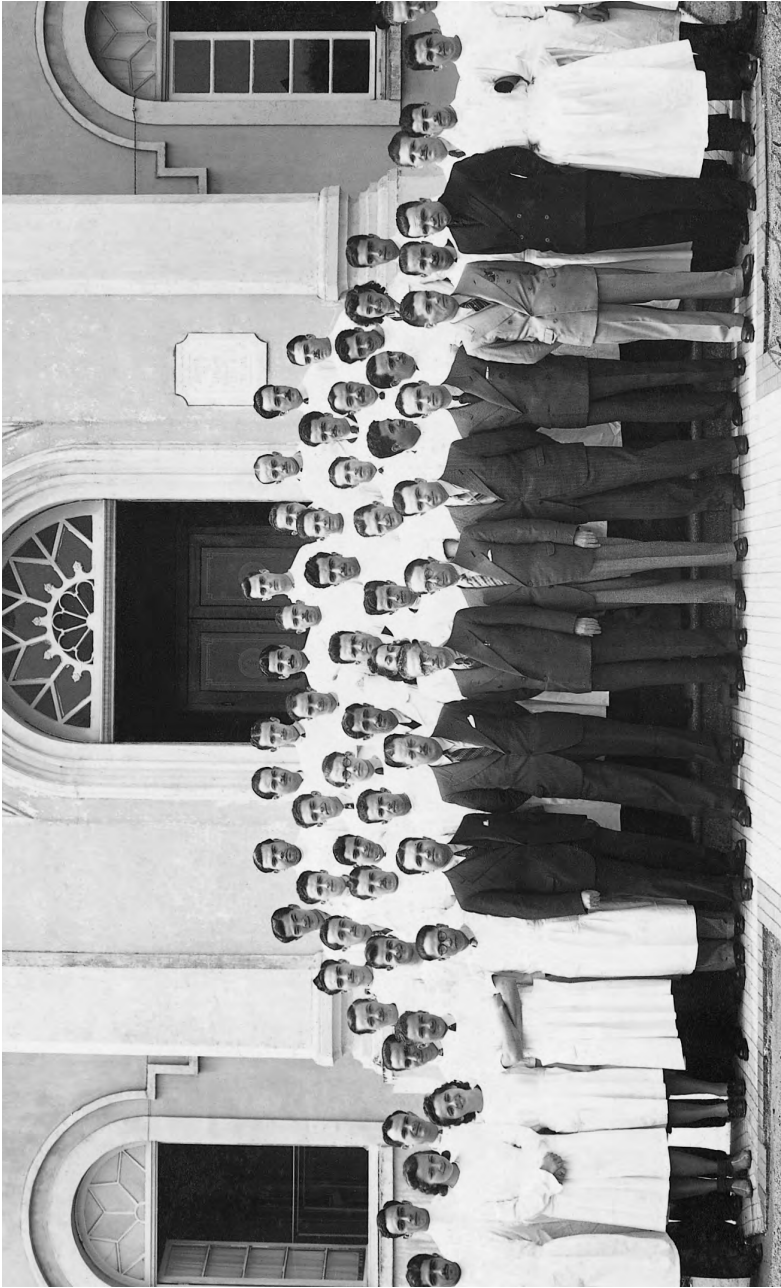
Sobrinho do jornalista e historiador Romário Martins manteve com o tio estreita cooperação intelectual e aderiu ao movimento paranista.

A produção literária de Aluizio França foi extensa e multiforme. Pertenceu a um grupo voltado para o humanismo e muitos de seus escritos têm caráter regionalista, sob a ótica de que “universalizar-se é desvirtuar-se”.

Em 1948 assumiu a presidência do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense. Seu trabalho à frente da instituição viabilizou a construção da sede própria entre 1952 e 1954, reelegeu-se presidente seguidamente e é considerado o consolidador da entidade.

Teve meritória atividade política. Elegeu-se vereador por diversos mandatos, foi presidente da Câmara Municipal e, como tal, assumiu interinamente a Prefeitura de Curitiba. Abandonou a vida político-partidária em 1937 em virtude da instalação do Estado Novo.

Aluizio França morreu no dia 6 de junho de 1964 aos oitenta anos em plena e lúcida atividade intelectual.



Doutorandos de 1940 da Faculdade de Medicina do Paraná à frente da Santa Casa de Misericórdia, estando o paranaíno **Aluizio França** ao centro, com outros professores. À sua esquerda, de fora para o centro: João Vieira de Alencar, Erasto Gaertner e Francisco Franco. À sua direita, pela ordem, Dante Luiz Jr., Carlos Cunha, Eugenio da Silva Lopes, Arcizio Niciewicz e Alexandre Dobrowolski.

CADEIRA 3

PATRONO

ÁLVARO EMÍLIO DE CERQUEIRA LIMA

15/12/1882 - 1/6/1940



Fundador: PEDRO EMÍLIO DE CERQUEIRA LIMA NETO
2º Titular: JOSÉ FERNANDO MACEDO

ÁLVARO EMÍLIO DE CERQUEIRA LIMA

15/12/1882 – 1/6/1940

Álvaro Emílio de Cerqueira Lima, filho de Ana Novaes e de Pedro Emílio de Cerqueira Lima, nasceu em Salvador, Bahia, no dia 15 de dezembro de 1882.

Em 1905 formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia. Sua tese de doutoramento foi *Da separação endo-vesical das urinas e seu valor diagnóstico nas affecções cirúrgicas dos rins*. Iniciou a carreira na Estrada de Ferro Madeira—Mamoré, no interior do Amazonas, onde permaneceu de 1906 a 1907. Embora valiosa experiência profissional e humana, a atividade estafante em meio inóspito acabou por abalar sua saúde e em busca de um clima mais propício veio para o Paraná, como médico do Serviço de Povoamento do Solo. Trabalhou nas colônias Prudentópolis, Itapará e Vera-Guarani.

Em 1910 incorporou-se definitivamente no meio paranaense ao casar com Francisca Novaes, membro de antiga família de Palmeira.

De 1911 a 1914 foi médico do hospital da companhia Brazilian Lumber em Três Barras, hoje Santa Catarina.

Em 1915 estabeleceu-se em Palmeira, afiliou-se ao Partido Republicano e foi sucessivamente eleito camarista e presidente da Câmara Municipal. Em se-

guida elegeu-se deputado do Congresso Legislativo do Estado do Paraná, mas em 1923 renunciou ao mandato e mudou-se para Curitiba. A convite do conterrâneo e amigo Alfredo de Assis Gonçalves ingressou no corpo docente da Faculdade de Medicina do Paraná e de 1925 a 1928 regeu interinamente a cadeira de Clínica Pediátrica.

De 1928 a 1930 serviu na Polícia Militar do Paraná como major-médico. Nomeado diretor-geral do Departamento de Saúde Pública afastou-se da polícia e, devido à reformulação política decorrente da revolução de 1930, deixou o serviço público no final do mesmo ano para se dedicar integralmente à prática e ao ensino de Pediatria, especialidade em que foi um dos pioneiros no Paraná. Também participou da equipe médica do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários.

Desde o início da carreira no interior do Estado, enfrentando as dificuldades e as penúrias da Medicina rural, e mais tarde na capital, Cerqueira Lima caracterizou-se pelo espírito caritativo e humanitário que lhe valeram a estima de quem com ele conviveu.

Morreu no dia 1º de junho de 1940 e deixou um filho médico, Pedro Emílio de Cerqueira Lima Neto, cirurgião na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e professor na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.



Grupo de médicos na residência de **Álvaro Emílio de Cerqueira Lima**, para comemoração de seu natalício. Sentados, da esquerda para a direita, identificam-se Alípio Alvaro de Campos, Mario Braga de Abreu, Alfredo de Assis Gonçalves, Cleonice Cerqueira Lima, Álvaro Cerqueira Lima, sua esposa Francisca Cerqueira Lima, João Cândido Ferreira, José Mendes de Araújo e José Pinto Novaes. De pé, atrás do aniversariante, seu filho Pedro Emílio de Cerqueira Lima Neto.

CADEIRA 4

PATRONO
ANCHISES MARQUES DE FARIA

3/7/1906 – 31/1/1979



Fundador: AFFONSO COELHO

ANCHISES MARQUES DE FARIA

3/7/1906 – 31/1/1979

Anchises Marques de Faria, filho de Maria Theolides e de Sebastião Gomes de Faria, nasceu em Morretes, Paraná, no dia 3 de julho de 1906.

Completoou o primário em Morretes e em 1923 concluiu o secundário no Colégio Paranaense em Curitiba. De 1924 a 1926 cursou a Escola de Veterinária do Exército do Rio de Janeiro e de 1930 a 1935, a Faculdade de Medicina do Paraná.

Desde o início da carreira Marques de Faria dedicou-se ao magistério. De 1931 a 1934 foi professor catedrático de Parasitologia e Moléstias Parasitárias e de Patologia, Propedêutica e Clínica Médica na Faculdade de Medicina Veterinária da Escola Agrônômica do Paraná; de 1935 a 1954 regeu as cadeiras de Zootecnia Exterior e Raças e de Zootecnia Geral e Genética Animal na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná. De 1938 a 1945 ensinou Anatomia Comparada dos Animais Domésticos na Escola Superior de Veterinária do Paraná.

De 1943 a 1945 foi reitor do Instituto Técnico de Agronomia, Veterinária e Química do Paraná; de 1944 a 1946, diretor do Departamento de Ensino Superior Técnico e Profissional da Secretaria de Agricultura.

De 1945 a 1947 dirigiu a Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná e em 1946, o Instituto

de Biologia e Pesquisas Tecnológicas.

Foi, ainda, superintendente do Serviço de Defesa Sanitária Animal e do Instituto de Biologia Agrícola e Animal da Secretaria de Agricultura do Paraná e chefe da Divisão Científica de Parasitologia e Zoologia do mesmo órgão.

Em 1950 qualificou-se em primeiro lugar no concurso para a cátedra de Patologia Geral da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná com a tese *Modificações Estruturais do Timo na Cancerização Experimental do Camundongo pelo 20-metilcolantreno*. Também chefiou o Departamento de Patologia Médica e dirigiu a Faculdade de 1963 a 1970. Ao se aposentar recebeu do Conselho Universitário o título de Professor Emérito.

Marques de Faria tomou parte de bancas de concurso, compareceu a congressos no Brasil e no exterior, foi presidente honorário da Sociedade Brasileira de Patologistas, participou de estudos internacionais sobre o ensino médico na América Latina, publicou muitos artigos científicos e colaborou na redação do clássico *Manual de Patologia* de Luigi Bogliolo.

Em 1951 ao encerrar a carreira militar iniciada em 1924 quando sentou praça visando estudar na Escola de Veterinária do Exército, era major-chefe do Serviço de Veterinária da 5ª Região Militar e fora transferido para a reserva de 1ª Classe. Antes de afastar-se recebeu medalha de prata por vinte anos de serviço sem nota desabonadora.

Morreu em 31 de janeiro de 1979.



*Instalação do X Congresso Brasileiro de Patologia e I Encontro Luso-Brasileiro de Anatomia Patológica, em Curitiba, 1974. Vê-se o presidente dos eventos, **Anchises Marques de Faria** e, na sequência, Teodocio Atherino, reitor da Universidade Federal do Paraná, Ivan Beira Fontoura, secretário de Saúde e Oswaldo Arns, reitor da Pontifícia Universidade do Paraná.*

CADEIRA 5

Patrono
ANTENOR PAMPHILO DOS SANTOS

1/6/1895 – 1/11/1967



Fundador: JAYME DRUMOND DE CARVALHO
2º Titular: ANTONIO CELSO NUNES NASSIF
3º Titular: EHRENFRIED OTHMAR WITTIG

ANTENOR PAMPHILO DOS SANTOS

1/6/1895 – 1/11/1967

Antenor Pamphilo dos Santos nasceu em Salvador, Bahia, no dia 1º de junho de 1895.

Mudou-se para Curitiba ainda adolescente e iniciou a longa e notável carreira em 1917 como auxiliar no Serviço de Vacinação Antitífica da Diretoria de Higiene do Estado do Paraná.

Em 1919 ingressou na Faculdade de Medicina do Paraná. Graduiu-se farmacêutico em 1921 apresentando a tese *Contribuição ao Conhecimento do Metabolismo das Leveduras do Gênero Cândida*. Em 1928 completou o curso de Medicina e obteve o grau de doutor com a tese *Teoria dos Envenenamentos*. Por ter sido o melhor aluno da turma recebeu o Prêmio Nilo Cairo, que estava sendo concedido pela primeira vez.

Ainda acadêmico monitorava a cadeira de Física Médica. Em 1924 assumiu a regência das cadeiras de Química Analítica e de Química Analítica, Bromatológica e Toxicologia da Faculdade de Farmácia. Em 1926 foi elevado a catedrático por concurso com a tese *Contribuição ao Estudo Toxicológico da Essência de Chenopódio*. Em 1929 qualificou-se para a cátedra de Química Geral e Mineral da Faculdade de Medicina com as teses *Estrutura dos Corpos Cristalizados* e *A Físico-Química do Hidrogênio Atômico e Molecular*. Ocupou a cadeira,

que passou a intitular-se Química Fisiológica, no ano seguinte e até 1931 lecionou em várias cadeiras de Química de ambas as Faculdades em consequência de diversas alterações curriculares.

Em 1937 submeteu-se a novo concurso, desta feita para a cadeira de Fisiologia dos cursos de Medicina e de Odontologia, mas em 1958 optou por permanecer ensinando nos cursos de Medicina e de Farmácia da Faculdade de Medicina.

Em 1943 fez o curso de sanitarista no Instituto Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro.

Eleito diretor da Faculdade de Medicina em 1956, foi reeleito em 1959. Dirigiu a Faculdade até 1963 e representou a Universidade Federal do Paraná no ato de criação da Associação Brasileira de Escolas Médicas. Participou de inúmeras bancas de concurso de cátedra e de docência-livre, na Universidade e em outras instituições. Chefiou a Seção de Química e Bromatologia do Laboratório de Análises do Estado, o Laboratório Geral do Departamento de Saúde Pública e a Divisão de Proteção à Maternidade e Infância e foi diretor-geral de Educação do Estado, de Saúde Pública de 1932 a 1934; chefe do Departamento de Saúde de 1939 a 1941 e secretário de Saúde em 1961. Aposentou-se do serviço público estadual em 1957.

Na política curitibana distinguiu-se como vereador pelo Partido Social Democrático nas legislaturas de 1947/50 e de 1951/55.

Morreu no dia 1º de novembro de 1967.



*Durante visita de acadêmicos da Faculdade de Medicina do Paraná ao Sanatório São Lucas de São Paulo, em 1946, identificam-se, da esquerda para a direita, à frente, Reginaldo Werneck Lopes, Donato Kulich, Eurico Branco Ribeiro, **Antenor Pamphilo dos Santos** e Iseu Affonso da Costa. Atrás, da esquerda para a direita: Luiz Branco Ribeiro, Ayrtton Alfredo Russo e Peretz Kapeluchnik*

CADEIRA 6

Patrono
ARAMIS TABORDA DE ATHAYDE

12/12/1900 – 27/3/1971



Fundador: ATLÂNTIDO BORBA CÔRTEZ

ARAMIS TABORDA DE ATAHYDE

12/12/1900 - 27/3/1971

Aramis Taborda de Atahyde, filho de Benedita de Jesus Rebello Taborda e de Aristides de Souza Atahyde, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 12 de dezembro de 1900.

Curso o primário na Escola Americana e no Colégio Júlio Teodorico e o secundário no Ginásio Paranaense. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná em 1924 e recebeu o grau de doutor defendendo a tese *Tremores*.

Até 1926 clinicou em Guaíra, no interior do Estado. Em 1927 ingressou no Corpo de Saúde do Exército e iniciou a carreira na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná como livre-docente apresentando a tese *Sinais de Morte*. Foi nomeado assistente de Clínica Propedêutica Médica e conquistou a cátedra da disciplina em 1928 com a tese *Icterícia Hemolytica*. No mesmo ano elegeu-se deputado estadual.

Em 1939 regeu a cadeira de Clínica Médica, função que desempenhou até ser eleito deputado federal em 1946.

A paixão pela política arrefeceu a atividade médica, mas a atuação de Taborda de Atahyde no legislativo sempre foi ligada à área da saúde. No Congresso Nacional defendeu a federalização da Universidade

do Paraná e a obtenção de recursos para a Instituição.

Assumiu a Secretaria do Interior e Justiça do Estado em 1951 e a Secretaria de Saúde em 1952. Em 1954 foi nomeado ministro da Saúde e tornou-se o primeiro paranaense a ocupar um ministério no período republicano.

Homem de múltiplas atividades e de grande liderança contribuiu para a construção do Hospital da Cruz Vermelha do Paraná, entidade que presidiu. Também foi presidente da Associação Médica do Paraná, do Clube Curitibano e do Jôquei Clube do Paraná, vice-presidente da Cruz Vermelha Brasileira e colaborou em vários órgãos da imprensa, entre eles os jornais *A República*, *Diário da Tarde* e *Gazeta do Povo*.

Morreu em Curitiba no dia 27 de março de 1971.

O PARANÁ GANHA UM MINISTÉRIO NA REPÚBLICA

Será ocupada por paranaense a pasta ministerial da Saúde — A nomeação do sr. Aramis Athayde — Caso singular na vida republicana do nosso Estado

A notícia circulou fácil e celeramente, em nossa Capital. O Paraná, finalmente, foi contemplado com uma pasta ministerial, circunstância inédita da vida republicana do nosso Estado.

Desde o tempo do Império, não vínhamos tendo nenhum conterrâneo em posto de eminência na administração federal. Por decênios, esse fato provocou, inclusive, fortes manifestações de opinião, por parte de círculos paranaenses, que já passaram a considerar essa lamentável omissão como verdadeiro acinte, não somente à capacidade de trabalho e à contribuição econômica e financeira que davamos à União, como autêntico desprezo aos nomes ilustres dos varões do nosso Estado.

Segue, agora, o sr. Aramis Athayde para o Rio de Janeiro com a grave incumbência de, não somente realizar obra de vulto, na pasta emocional do governo Café Filho, como, também, de projetar o nome do Paraná, honrando, não apenas sua pessoa e seu nome ilustre, como o da gente destas terras, que precisa mostrar à Nação a capacidade de trabalho, de probidade e de realização dos homens das Araucarias.

Aramis Taborda de Athayde foi o primeiro paranaense a ocupar o cargo de Ministro de Estado no período republicano. Em 31 de dezembro de 1954 foi nomeado pelo presidente João Café Filho para o Ministério da Saúde.

CADEIRA 7

Patrono
ARTHUR OTTO SCHWAB

30/3/1906 – 23/2/1977



Fundador: OSCAR AISENGART
2º Titular: WADIR RÚPOLLO
3º Titular: HENRIQUE DE LACERDA SUPPLY

ARTHUR OTTO SCHWAB

30/3/1906 - 23/2/1977

Arthur Otto Schwab, filho de Luiza e de Rodolfo Schwab, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 30 de março de 1906.

Completoou a educação secundária em Curitiba, em 1927 graduou-se em Farmácia na Faculdade de Medicina do Paraná e em 1931, na mesma Faculdade, formou-se em Medicina. Em 1926, ainda acadêmico, monitorou as cadeiras de Química Geral e Mineral e de Química Analítica dos cursos médico e farmacêutico. Em 1935 habilitou-se catedrático de Química Analítica do curso de Farmácia e em 1938 tornou-se livre-docente de Química Fisiológica do curso de Medicina. Em 1942 concorreu à cátedra de Física Biológica da Faculdade de Medicina com a tese *Tensão Superficial e Elasticidade Pulmonar*, então um assunto bastante original e praticamente ausente na literatura médica internacional. Metry Bacila, professor de Química da Faculdade de Medicina e discípulo de Schwab, mais tarde escreveria: *consideramos sua tese o mais importante trabalho experimental desenvolvido até hoje nos laboratórios de biofísica da Universidade do Paraná*. Os trabalhos experimentais de von Neergard, descrevendo o surfactante pulmonar e lançando as primeiras luzes sobre o assunto, só apareceram uma década

mais tarde.

Arthur Schwab também lecionou Farmacologia, Toxicologia e Análises Clínicas no curso de Analistas Químicos da Faculdade de Engenharia e Físico-Química no curso de Química Industrial do Paraná. Sob sua direção o Laboratório de Química Orgânica e Biológica da Faculdade de Medicina oferecia ensino de graduação e realizava estudos e análise do líquido cefalorraquidiano na Clínica Neurológica do professor Octavio da Silveira.

Em 1958 Schwab dirigiu interinamente a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná e presidiu a sessão solene de instalação da Faculdade de Farmácia e Odontologia, às quais por muito tempo prestara relevantes serviços.

Ao se aposentar em 1970 o Conselho Universitário concedeu-lhe o título de Professor Emérito.

Sobre seu mestre, Metry Bacila disse: *Estudioso, disciplinado no trato das coisas científicas, particularmente na metodologia, com sólidos conhecimentos de matemática e físico-química, um fantástico autodidata, o professor Schwab jamais se ausentou de Curitiba para estudos de qualquer natureza. Possuía a intuitiva capacidade de pesquisador científico nato. E sintetizou: O professor Schwab foi, sem dúvida, o maior talento científico que surgiu em nosso meio universitário.*

Morreu em 24 de fevereiro de 1977.



Arthur Otto Schwab dedicou-se ao ensino e à pesquisa na área da Física Médica, malgrado a escassez de recursos da Faculdade de Medicina. Na foto, do ano de 1940, Schwab em seu laboratório.

CADEIRA 8

Patrono
BRÁSÍLIO VICENTE DE CASTRO

26/6/1913 – 8/5/1978



Fundador: PLÍNIO DE MATTOS PESSOA
2º Titular: NELSON AUGUSTO ROSÁRIO FILHO

BRASÍLIO VICENTE DE CASTRO

26/6/1913 – 8/5/1978

Brasílio Vicente de Castro, filho de Maria Augusta da Silva e do coronel Vicente Ferreira de Castro, nasceu em Ponta Grossa, Paraná, no dia 26 de junho de 1913. Coursou o secundário no Internato Paranaense em Curitiba. Em 1934 formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina do Paraná.

Em 1938 ligou-se ao corpo docente da Faculdade de Medicina do Paraná como assistente do professor Dante Romanó na cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental. Em 1940 qualificou-se livre-docente defendendo a tese *Técnica Operatória na Eneervação Sinu-carotidiana*.

Dedicou-se especialmente ao ensino das bases anatômicas da técnica cirúrgica e em 1965 transferiu-se para a cadeira de Anatomia Topográfica. Tornou-se catedrático em 1967.

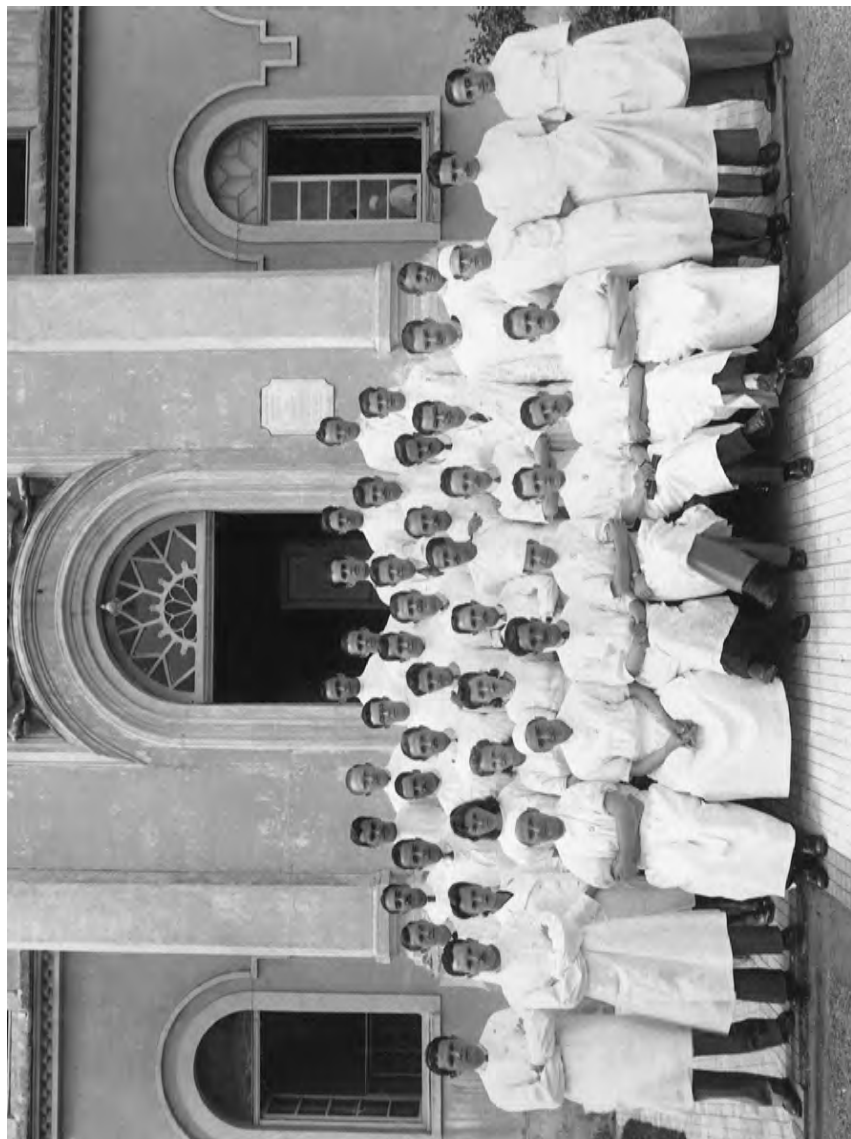
Foi um dos primeiros professores da Faculdade de Ciências Médicas do Paraná. Em 1956 regeu a cadeira de Anatomia do 1º ano e quando a Faculdade foi incorporada à Universidade Católica do Paraná passou a lecionar Morfologia.

Brasílio Vicente de Castro teve no senso de justiça e na imparcialidade a garantia do respeito e admiração de seus alunos.

Cirurgião competente e dedicado ingressou no Corpo de Saúde do Exército e foi chefe do Serviço Cirúrgico e comandante do Hospital Geral de Curitiba. Em 1952 participou do início das atividades do Hospital Nossa Senhora das Graças chefiando o Serviço de Cirurgia.

Pertenceu ao Corpo Clínico do Hospital da Cruz Vermelha na época de sua restauração em 1948 e dividiu com Loth Garcez do Nascimento a chefia do Serviço de Ortopedia e Traumatologia.

Morreu em 8 de maio de 1978. Deixou um filho médico, Brasília Vicente de Castro Filho, cirurgião-geral e professor de Anatomia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.



*Doutorandos da turma de 1943 reunidos na frente da Santa Casa de Misericórdia. À frente, sentados, da esquerda para a direita: Dante Romanô, Mario Braga de Abreu, Heleno Azevedo da Silveira, Celso Ferreira, Carlos Cunha, Atlântido Borba Cortes e **Brasília Vicente de Castro**.*

CADEIRA 9

Patrono
DANTE ROMANÓ
14/4/1900 – 5/3/1977



Fundador: ZACHARIAS ALVES DE SOUZA FILHO

DANTE ROMANÓ

14/4/1900 - 5/3/1977

Dante Romanó, filho de Maria Lindmann e de Luigi Romanó, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 14 de abril de 1900.

Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1923 e obteve o grau de doutor defendendo a tese *Ectopia Gravídica e sua Terapêutica Cirúrgica*. Em 1922, ainda acadêmico e trabalhando no Hospital Evangélico, serviu de intérprete de conferências e acompanhou as cirurgias do célebre neurocirurgião Fedor Krause que visitava a Faculdade e dele recebeu elogios.

Iniciou a carreira em Curitiba. Em 1932, admitido no Corpo Clínico da Santa Casa, passou a chefiar a enfermaria Santa Clara de Cirurgia e exerceu a função até 1946. Também trabalhou na Maternidade Victor do Amaral e na Casa de Saúde São Francisco. Em 1942 fundou a Casa de Saúde e Maternidade Romanó que funcionou sob sua direção até 1950.

Em 1926 a cadeira de Anatomia Médico-Cirúrgica e Operações da Faculdade de Medicina do Paraná passou a ser denominada Medicina Operatória e foi ocupada por Romanó. Em 1929 conquistou a cátedra em concurso com as teses *Topografia Crâneo-encefálica*, assunto livre, e *Sutura do Coração - Vias de Acesso*,

assunto sorteado. Em 1931, com a reforma do ensino superior, a cadeira passou finalmente a denominar-se Técnica Operatória e Cirurgia Experimental e Romanó regeu-a até a aposentadoria em 1970. Imprimiu grande rigor ao ensino e manteve o treinamento prático de cirurgia experimental em nível ímpar no país. Cultivou obsessivamente o ideal da perfeição técnica nas intervenções cirúrgicas, procurando incuti-lo em seus discípulos e exerceu influência na prática operatória de numerosas gerações de cirurgiões.

Publicou dois livros didáticos: *Iniciação Cirúrgica* e *Elementos de Cirurgia Vascular*, ambos muito utilizados pelos estudantes de Medicina.

Faleceu no Rio de Janeiro em 5 de março de 1977, já afastado das atividades profissionais.

Deixou um filho médico, Dante Romanó Junior, angiologista e professor de Clínica Médica na Universidade Federal do Paraná.



*Durante a visita do célebre cirurgião alemão Fedor Krause, em 1923, ao Rio de Janeiro, **Dante Romanó**, que se vê à esquerda, como doutorando, serviu de intérprete.*

CADEIRA 10

Patrono
DIRCEU DE CONTI

14/1/1934 – 16/12/1969



Fundador: PAULO FRANCO DE OLIVEIRA
2º Titular: MIGUEL CARLOS RIELLA

DIRCEU DE CONTI

14/1/1934 - 16/12/1969

Dirceu de Conti, filho de Maria Barbi e de Segismundo de Conti nasceu em Pirajuí, São Paulo, no dia 14 de janeiro de 1934.

Estudou em Pirajuí e Pederneiras e completou a educação em Curitiba. Formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná em 1958.

De 1956 a 1958 foi interno na cadeira de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica no Serviço do professor Heinz Rücker. Conquistou o Prêmio Professor Garcez do Nascimento por ter sido aprovado em primeiro lugar nas matérias básicas e recebeu da Congregação da Faculdade a Bolsa de Estudos Julio Ens, que lhe garantiu estagiar no Serviço de Ortopedia do professor Carlos E. Ottolenghi em Buenos Aires. Em 1959 rumou para a Argentina e lá permaneceu por um ano.

Ao regressar iniciou em Curitiba uma rápida e bem sucedida carreira. Foi nomeado instrutor de ensino de Clínica Cirúrgica Infantil e Ortopédica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná e promovido a assistente da cadeira em julho de 1960.

De 1960 a 1962 trabalhou como médico-interno no Serviço de Ortopedia do Hospital de Crianças César Pernetta e em 1962 classificou-se em primeiro lugar no concurso para o cargo de ortopedista do Ins-

tituto Nacional de Previdência Social.

Em 1963 foi contratado como assistente de Clínica Ortopédica e Traumatológica da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Católica do Paraná. Em 1965 integrou-se no Departamento de Ortopedia do Hospital Evangélico de Curitiba e em 1966, na equipe do Hospital da Cruz Vermelha do Paraná e no Corpo Clínico da Casa de Saúde São Vicente.

Dirceu de Conti foi um dos mais atuantes membros da Clínica de Fraturas e Ortopedia, estabelecida em Curitiba por um grupo de médicos especializados sob a liderança do professor Heinz Rücker. No Paraná, foi pioneiro no emprego de técnicas traumato-ortopédicas, como a de substituição total de ossos longos por enxertos ósseos e a de abordagem da coluna cervical por via anterior. Também participou e contribuiu com inúmeros trabalhos em fóruns científicos nacionais e internacionais, escreveu para publicações médicas do Brasil e da Argentina e fez vários cursos de especialização.

Pertencia a uma família em que muitos eram médicos, diversos deles ortopedistas, e deixou dois filhos, Célia e Décio de Conti, também ortopedistas.

Colhido pela fatalidade de um acidente automobilístico, morreu prematuramente em 16 de dezembro de 1969. Dois de seus filhos são médicos: Célia de Conti e Décio de Conti, Ortopedistas.



*Júlio Ens entrega a **Dirceu de Conti** o prêmio como melhor aluno da turma de 1958 da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.*

CADEIRA 11

Patrono
EDUARDO SANTOS LIMA

8/3/1880 – 31/5/1974



Fundador: EDUARDO CORRÊA LIMA
2º Titular: LORETE MARIA DA SILVA KOTZE

EDUARDO SANTOS LIMA

8/3/1880 - 31/5/1974

Eduardo Santos Lima, filho de Maria Clara e de Manoel Pedro Santos Lima, nasceu na Lapa, Paraná, em 8 de março de 1880.

Cursou o primário na cidade natal e com dez anos ingressou no célebre Colégio Abílio, no Rio de Janeiro.

Seguindo o exemplo paterno matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Colega de turma dos ilustres Carlos Chagas, Leitão da Cunha, Aloisio de Castro e Penido Burnier, formou-se em 1903 e obteve o grau de doutor defendendo a tese *Valor Patogênico da Primeira Dentição*.

Iniciou a carreira trabalhando por algum tempo na estrada de ferro São Paulo—Rio Grande. Em 1906 voltou para a Lapa e como médico de família deu continuidade ao trabalho iniciado pelo pai, Manoel Pedro Santos Lima. Auxiliado pelos farmacêuticos Luiz Ernesto Carrano, Lisandro Santos Lima e Guilherme Lacerda Braga, atendia incondicionalmente a população lapeana, da qual se tornou benfeitor.

Elegeu-se prefeito da Lapa em 1924 e, pela eficiência e lisura com que conduziu a prefeitura, foi reeleito em 1928.

Em 1929 mudou-se para Curitiba e chefiou o Ser-

viço de Moléstias Venéreas do Departamento de Saúde Pública do Paraná, mas no ano seguinte o movimento revolucionário levou-o a deixar o serviço público. Passou então a dedicar-se exclusivamente à prática da Pediatria, pela qual tinha interesse especial desde os tempos de doutorando. Foi um dos primeiros especialistas em Medicina infantil do Paraná e manteve-se ativo até os últimos anos de vida.

Eduardo Santos Lima impressionou seus contemporâneos pela competência profissional, bondade, dedicação, alto nível intelectual e amor ao estudo. Do prazer em estudar é exemplo o interesse em conhecer diferentes idiomas e consta que, nonagenário, ainda se dedicava ao aprendizado da língua russa.

Morreu em 31 de maio de 1974. Deixou dois filhos médicos: Manoel Pedro Corrêa Lima, clínico-geral, e Eduardo Corrêa Lima, professor de Parasitologia da Universidade Federal do Paraná e fundador da mesma cadeira na Faculdade de Ciências Médicas do Paraná e na Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná.



Eduardo Santos Lima pertenceu a uma família de médicos. Seu pai, Manoel Pedro dos Santos Lima, foi o primeiro clínico da Lapa, seu filho, Eduardo Corrêa Lima, professor da Universidade Federal do Paraná. A Fundação Santos Lima, destinada a preservar a memória médica do Paraná, foi instalada em sua residência à alameda Cabral, em 18 de outubro de 1984.

CADEIRA 12

Patrono
EDUARDO VIRMOND LIMA

28/12/1888 – 9/12/1962



Fundador: FELIX DO REGO ALMEIDA

2º Titular: ELIAS ABRÃO

3º Titular: MAURI JOSÉ PIAZZA

EDUARDO VIRMOND LIMA

28/12/1888 - 9/12/1962

Eduardo Virmond Lima, filho de Maria Izabel Virmond e de Davi Gaspar de Oliveira Lima, nasceu na Lapa, Paraná, em 28 de dezembro de 1888.

Cursou o primário e o secundário em Curitiba e em 1914 formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Iniciou a carreira em Rio Negro, no interior do Paraná, mas logo decidiu voltar para Curitiba e em pouco tempo alcançou sucesso profissional.

Admitido no Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia - o grande hospital do Estado naquele período e onde era ministrado o ensino clínico da recém-fundada Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná - foi chefe da enfermaria Santa Lúcia e depois diretor-clínico do hospital. Em homenagem aos quarenta anos de trabalho no estabelecimento, uma das enfermarias leva seu nome.

Virmond Lima ganhou notoriedade por seu virtuosismo cirúrgico. Competente, dedicado e generoso, conquistou numerosa clientela e atendia a todos sem qualquer discriminação.

Foi um dos fundadores da Casa de Saúde São Vicente, inaugurada em 1948, que se tornou um importante hospital de Curitiba em parte graças à sua clientela.

Além de sua atividade clínica e cirúrgica pertenceu aos quadros da Diretoria de Higiene e, como inspetor sanitário, foi encarregado dos Serviços de Desinfecção e Controle durante a epidemia de febre tifóide de 1917.

Igualmente, em 1918, prestou serviços à Higiene, supervisionando os trabalhos em um dos quadrantes da cidade, além de instituir medidas na estação ferroviária e nos Correios, para protegê-la da invasão eberthiana.

No governo do interventor Manoel Ribas assumiu a Diretoria de Saúde do Estado e dirigiu o Hospital Oswaldo Cruz.

Eduardo Virmond Lima era um Médico. Sociável, presidiu o Clube Curitibano e o Graciosa Country Club. Esportista, foi diretor do Jôquei Clube e um dos fundadores do Aeroclube do Paraná.

Os dizeres da placa em homenagem a ele no Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia sintetizam bem sua vida profissional:

Médico por amor à medicina, exerceu durante quase cinqüenta anos com dignidade, abnegação e espírito caridoso sua profissão benemérita. Diretor deste hospital deu longo exemplo, até a morte, de inconfundível espírito de caridade e justiça, servindo o próximo e honrando as tradições mais caras deste nosocômio. - Dezembro, 1963.

Morreu no dia 9 de dezembro de 1962 e deixou um filho médico, Reinaldo Virmond Lima, cirurgião na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba.



Eduardo Virmond Lima *exerceu a profissão com reconhecido humanitarismo. Na enfermaria que leva seu nome, no Hospital de Caridade da Santa Casa de Curitiba, uma placa com sua efígie homenageia sua memória.*

CADEIRA 13

Patrono
ERASTO GAERTNER

24/4/1900 – 19/5/1953



Fundador: ERNANI SIMAS ALVES
2º Titular: PEDRO ALOYSIO KRELING

ERASTO GAERTNER

24/4/1900 - 19/5/1953

Erasto Gaertner, filho de Maria Tertuliana Fagundes dos Reis e de Luiz Gaertner, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 24 de abril de 1900.

Completo o curso secundário no Ginásio Paranaense e em 1920 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná. Em 1923 transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e graduou-se em 1925. Obteve o grau de doutor defendendo a tese *Das Incisões na Parede Abdominal*.

Em 1926 prestou concurso para livre-docência na Faculdade de Medicina do Paraná com a tese *Transfusão de Sangue*. Em 1929 foi à Europa aperfeiçoar seus conhecimentos e frequentou serviços universitários em Paris, Berlim, Munique e Praga.

Em 1931 qualificou-se em concurso para a cátedra de Obstetrícia da Faculdade de Medicina do Paraná apresentando as teses *Desordens Nervosas e Psiquiátricas do Puerpério*, sorteada, e *Reflexões em Torno da Infecção Puerperal e da Drenagem Tubular Metálica*, de livre escolha. Com a alteração curricular decorrente da reforma do ensino superior, foi criada a cadeira de Urologia e Erasto Gaertner passou a regê-la e permaneceu como titular da disciplina até o final da vida.

Em 1932 fundou o Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná. Destacou-se na prática cirúrgica e foi pioneiro na cirurgia vascular e nas operações gastroduodenais e prostáticas. Introduziu no Paraná a cirurgia para o tratamento dos aneurismas pela endoaneurismorrafia de Matas e as colangiografias transoperatórias. Publicou vários trabalhos em revistas médicas nacionais e dirigiu o Instituto Médico Legal e o Leprosário São Roque.

Foi o deputado federal mais votado de 1934 e teve o mandato interrompido pelo golpe de Estado de 1937. Com a redemocratização, em 1945, voltou para a Câmara Federal e atuou com brilhantismo trabalhando pela federalização da Universidade do Paraná. No governo de Bento Munhoz da Rocha Neto foi secretário de Estado e prefeito de Curitiba.

Morreu no dia 19 de maio de 1953, durante o mandato na Prefeitura.



*Em 1930 foi fundada a Casa de Saúde **Erasto Gaertner** que funcionou inicialmente à rua Vicente Machado. Transferiu-se em 1932 para a praça Senador Correia e, finalmente, em junho de 1939 para sua sede definitiva à rua Ubaldino do Amaral, com a denominação de Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná. No vestibulo do edifício acha-se a placa mandada afixar por seus colaboradores, uma bela obra de Erbo Stenzel.*

CADEIRA 14

Patrono
EUGENIO DA SILVA LOPES

4/7/1908 – 15/4/1978



Fundador: REGINALDO WERNECK LOPES

EUGENIO DA SILVA LOPES

4/7/1908 - 15/4/1978

Eugenio da Silva Lopes, filho de Luiza Werneck e de Eleodoro da Silva Lopes, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 4 de julho de 1908.

Em 1924 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Paraná e em 1927 transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde se graduou em 1929.

Iniciou a carreira em Curitiba e durante a Revolução Constitucionalista de 1932 serviu no fronte de Itararé com diversos colegas da Santa Casa de Misericórdia, entre eles Francisco Franco, Miguel Isaacson e Victor do Amaral Filho. Ao término da campanha, foi convidado por Francisco Franco, titular da cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Paraná, para ser seu assistente.

Eugenio Lopes dedicou-se com grande sucesso à Clínica Médica e chefiou a enfermaria Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia. Em 1937 foi aprovado em concurso para livre-docente da Faculdade de Medicina do Paraná e franqueou a enfermaria para o ensino prático de Medicina Interna.

Em 1946, após estagiar no Serviço de Cardiologia do Hospital Municipal de São Paulo e fazer o curso de Eletrocardiografia com Dante Pazzanese, definiu-

se pela especialidade em que foi um dos pioneiros no Paraná.

Em 1947 assumiu interinamente a livre-docência de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Paraná e em 1949 prestou concurso para se efetivar na vaga com a tese *Contribuição ao Estudo das Alterações Eletrocardiográficas na Pneumonia Lobar*. Aprovado em segundo lugar, continuou como assistente da cadeira e, demonstrando espírito elevado, manteve a enfermaria Santa Isabel à disposição do ensino.

Eugenio Lopes destacou-se na cardiologia brasileira que então começava a consolidar-se como especialidade. Foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Cardiologia em 1943 e assumiu a vice-presidência da entidade em 1951 e a presidência em 1952.

Participou como delegado oficial do Congresso Interamericano de Cardiologia em Buenos Aires em 1952 e em Montreal em 1964 e do Congresso Mundial de Cardiologia em Bruxelas em 1958 e na Cidade do México em 1962.

Em 1954 estagiou no Serviço do professor Von Bergmann, em Munique.

Com a inauguração do Hospital de Clínicas os cursos da Universidade Federal do Paraná foram para lá transferidos e Silva Lopes passou a chefiar a Residência Médica e o Corpo Clínico do hospital.

Eugenio da Silva Lopes morreu em 15 de abril de 1978.



*Recém-formado, **Eugenio da Silva Lopes**, imbuído de idealismo, foi médico voluntário das forças legalistas durante a Revolução de 1932. A foto foi feita no fronte, em Itararé.*

CADEIRA 15

Patrono
EURICO BRANCO RIBEIRO

29/3/1902 – 1/3/1978



Fundador: GIOCONDO VILLANOVA ARTIGAS
2º Titular: ROBERTO GOMES DE CARVALHO

EURICO BRANCO RIBEIRO

29/3/1902 – 1/3/1978

Eurico Branco Ribeiro, filho de Hermínia Salda-
nha Branco e de Arlindo Martins Ribeiro, nasceu em
Guarapuava, Paraná, no dia 29 de março de 1902.

Após receber educação informal no seio da famí-
lia guarapuavana mudou-se para São Paulo e estudou
no Ginásio do Estado da capital paulista. De 1922 a
1927 cursou a Faculdade de Medicina de São Paulo,
depois incorporada à Universidade de São Paulo.

Ainda acadêmico uniu-se ao grupo de discípulos
do professor Benedicto Montenegro, que trabalhava
na Beneficência Portuguesa e no Sanatório Santa Ca-
tarina e era um dos maiores nomes da cirurgia no Bra-
sil. Mais tarde desligou-se da equipe de Montenegro
e em 1935 fundou o Sanatório São Lucas, sediado no
palacete de Alfredo Pujol, à rua Pirapintigui, no bai-
ro da Liberdade, em São Paulo. O sanatório ganhou
prestígio, prosperou e rapidamente transformou-se
em centro de treinamento pós-graduado, muito tem-
po antes que a Residência Médica fosse criada no
Brasil. Ambidestro, Branco Ribeiro possuía legendária
habilidade cirúrgica e tornou-se um dos cirurgiões de
maior destaque no eixo São Paulo - Rio de Janeiro,
cidades que dividiam a posição de Meca da medici-
na brasileira. O Sanatório São Lucas recebia muitos

estagiários de diferentes lugares. Pelos paranaenses Branco Ribeiro nutria um carinho todo especial que foi retribuído por eles com a fundação de sanatórios com o nome de São Lucas em Curitiba, Ponta Grossa e Sertanópolis. Por iniciativa de Eduardo Figueiroa, da Universidade de Córdoba, Argentina, foi criada a Legião São Lucas reunindo médicos internos e estagiários do Sanatório com a finalidade de realizar reuniões médicas para manter viva a inspiração de trabalho de Branco Ribeiro. Houve encontros em Londrina, Lima, Mar Del Plata, Foz do Iguaçu, Poços de Caldas, Bauru e Ponta Grossa.

Nos tempos de acadêmico trabalhou em vários órgãos de imprensa, o que lhe permitiu desenvolver a inata capacidade de redação. Escritor prolífico foi por mais de quarenta anos editor dos *Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia*, revista médica periódica que por muitos anos foi uma das mais importantes do Brasil e para a qual contribuiu regularmente com incontáveis artigos. Publicou seis volumes de *Estudos Cirúrgicos* e três de *A Cirurgia no Sanatório São Lucas*. Dentre os livros de sua extensa obra literária destacam-se os quatro volumes de *Médico, Pintor e Santo*, sobre a vida do apóstolo São Lucas, publicado em 1971. Esta obra hagiológica sobre o apóstolo patrono dos médicos foi precedido de *O Livro que Lucas não Escreveu*, de 1969 e seguiu-se de *São Lucas, Médico e Escravo*, em 1974 e *Foi um dos Setenta*, de 1977.

Ocupou as presidências da secção de Cirurgia da Associação Paulista de Medicina, da Academia de Me-

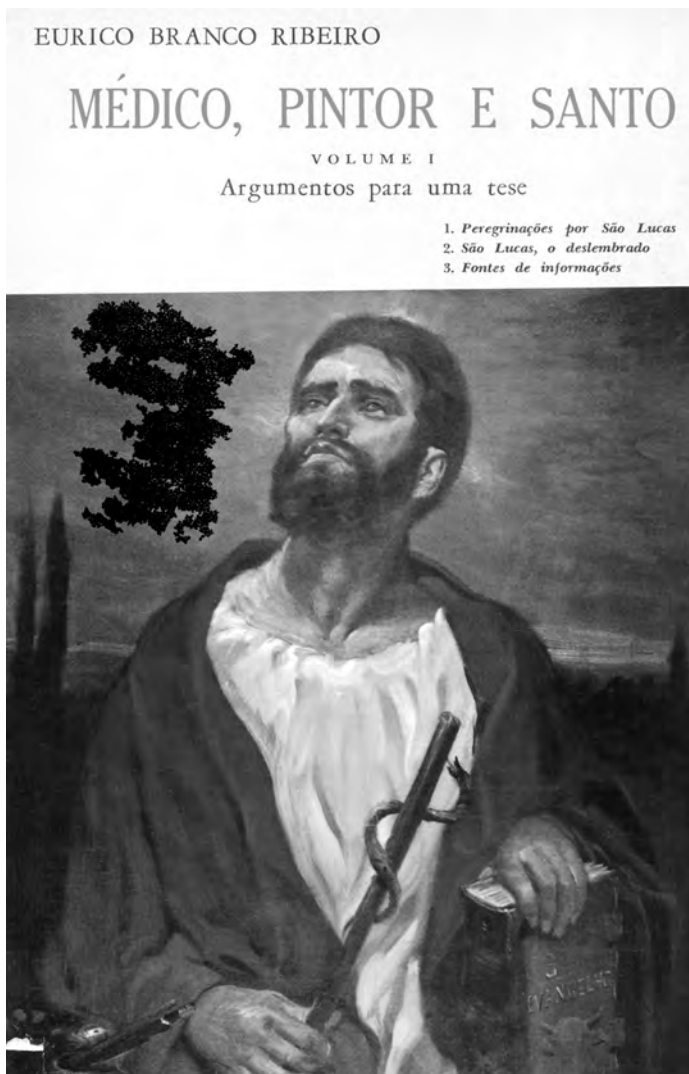
dicina de São Paulo, do Capítulo Brasileiro do Colégio Internacional dos Cirurgiões e dos paulistas do Colégio Americano de Cirurgiões e do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Recebeu inúmeros prêmios literários, pertenceu e foi fundador de várias sociedades médicas. e foi membro titular da Academia Nacional de Medicina.

Como a tudo que fez na vida, dedicou-se com entusiasmo ao Rotary Club. Militou por quarenta anos neste movimento filantrópico internacional em cuja hierarquia diretora exerceu todos os cargos.

Embora longe do Paraná desde a infância, Branco Ribeiro manteve permanente ligação afetiva e profissional com o Estado natal. Foi um paranista convicto e um cultor das tradições históricas paranaenses.

Morreu em 1º de março de 1978.



Eurico Branco Ribeiro escreveu prolificamente na imprensa médica e leiga e publicou muitos livros, entre eles tem destaque a obra em quatro volumes *Médico, Pintor e Santo*, sobre a vida de São Lucas.

CADEIRA 16

Patrono
EURÍPEDES GARCEZ DO NASCIMENTO

30/11/1889 – 23/9/1960



Fundador: JOÃO GUALBERTO DE SÁ SCHEFFER
2º Titular: ARISTIDES ATHAYDE NETO

EURÍPEDES GARCEZ DO NASCIMENTO

30/11/1889 - 23/9/1960

Eurípedes Garcez do Nascimento, filho de Olímpia Garcez e de Francisco Nascimento, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 30 de novembro de 1889.

Curso o primário e o secundário na cidade natal. Em 1912 graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e obteve o grau de doutor em 1913 defendendo a tese *A Lepra*, aprovada com distinção.

Iniciou a carreira docente em 1917 na cadeira de Fisiologia da recém-fundada Faculdade de Medicina do Paraná e lecionou a parte do programa referente ao sistema nervoso. No mesmo ano, com a morte de Manoel Suplicy de Lacerda, catedrático da cadeira de Farmacologia e Arte de Formular, Garcez passou a regê-la e ensinou a disciplina por aproximadamente quarenta anos.

Eurípedes Garcez do Nascimento prestou inestimáveis serviços à Faculdade de Medicina do Paraná. Nos anos difíceis pelos quais passou a Instituição colaborou ocupando interinamente as cadeiras de Clínica Pediátrica, de Dermatologia, de Sifilografia e de Terapêutica Clínica e de 1948 a 1956 dirigiu a faculdade.

Participou do início do ensino de Pediatria na Faculdade de Medicina, como médico do Dispensário Infantil, que antecedeu o Hospital de Crianças e que

em 1930 transformou-se numa Policlínica dirigida por ele. Garcez do Nascimento foi ainda presidente perpétuo do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Paraná, uma filial do Instituto Moncorvo Filho do Rio de Janeiro, em 1944, foi dele a iniciativa de doar o prédio da sede, à rua Ébano Pereira, para a Universidade do Paraná com a finalidade expressa de ali ser construída uma Policlínica Universitária que viria a se chamar de Policlínica Professor Garcez do Nascimento. A Policlínica, que deveria incluir um dispensário infantil, perdeu parte de seu propósito com a criação do Hospital de Clínicas, mas até hoje o imóvel integra o patrimônio da Universidade Federal do Paraná.

No serviço público foi diretor do Posto de Puericultura Doutor Cândido de Leão e do Departamento de Saúde Pública do Paraná.

Na revolução de 1930 trabalhou como médico da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros. Integrou-se no governo então instalado no Paraná e assumiu a Secretaria de Interior, Justiça e Instrução Pública. Foi membro do Conselho Consultivo do governo provisório e ocupou interinamente, por quatro vezes, a Interventoria Federal no Estado. Elegeu-se deputado na Assembleia Legislativa do Paraná em 1935, mas teve o mandato interrompido em 1937 pelo golpe de Estado que fechou o poder legislativo.

Morreu em 23 de setembro de 1960.



Eurípedes Garcez do Nascimento ligou-se ao ensino e à administração da Faculdade de Medicina do Paraná desde seus primórdios. Na fotografia, de 1924, vemos Garcez do Nascimento à direita de Szymon Kossobudzki.

CADEIRA 17

Patrono
FRANCESCO BURZIO

20/9/1875 – 17/4/1961



Fundador: SÉRGIO BRENNER

FRANCESCO BURZIO

20/9/1875 - 17/4/1961

Francesco Burzio, filho de Catarina Brossa e de Tomazo Burzio nasceu em Poirino, cidade próxima de Turim, na Itália, em 20 de setembro de 1875.

Em 1900 concluiu o curso médico na capital piemontesa e lá clinicou por um curto período. Em 1904 imigrou para o Brasil e prestou os exames de revalidação do diploma na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Começou a trabalhar no oeste catarinense na cidade de Urussanga e também em São Joaquim, Laguna, Lages e Porto União. Chegou no Paraná em 1908 e estabeleceu-se em Ponta Grossa. Ele e os companheiros Milan Muller von Milasch, farmacêutico sérvio proprietário da Farmácia Internacional onde Burzio instalou seu consultório, e Paulino Ferreira, enfermeiro que o auxiliava, transformaram a cidade em centro de convergência de numerosa clientela que acorria de toda a região e de cidades distantes.

Pertenceu à loja maçônica Fraternidade Lagunense e em Ponta Grossa receberam-no na loja Amor e Caridade II, da qual foi venerável de 1925 a 1926.

Em outubro de 1910 viajou à Itália e ao voltar no ano seguinte foi calorosamente recebido pela população de Ponta Grossa. Logo depois viajou a Curitiba

para substituir o conterrâneo Salarolli, que abandonara a Medicina, e na capital paranaense enfrentou uma vil campanha da imprensa local, motivada por um suposto erro médico. O povo ponta-grossense respondeu ao episódio com manifestações de solidariedade e apreço a ele mandando um trem para levá-lo de volta.

Instalou então a primeira casa de saúde particular de Ponta Grossa e com um laboratório bacteriológico, fato incomum nas cidades do interior. Devido à capacidade cirúrgica de Burzio, a cidade permaneceu sendo o grande centro médico do planalto paranaense e continuou a atrair pacientes de todo lugar, até mesmo da capital federal.

Os anos de bonança foram tragicamente interrompidos em 26 de dezembro de 1916, quando um incêndio destruiu o prédio da Casa de Saúde. Era a época da Primeira Guerra Mundial e Burzio decidiu deixar o consultório a cargo de Szymon Kossobudski, clínico em São Mateus, e voltar à Itália para servir no Corpo de Saúde do Exército. Cirurgião experiente, destacou-se pelos serviços prestados no fronte de guerra e foi elevado ao posto de capitão-médico.

Assinado o armistício, voltou para Ponta Grossa onde o aguardava outra recepção entusiástica. Num trem especial as mais ilustres personalidades ponta-grossenses foram recebê-lo em Piraí do Sul e as manifestações populares excederam a qualquer expectativa.

Com prestígio sempre crescente, prosseguiu a

bem sucedida prática médica no consultório, na Santa Casa e no Hospital 26 de Outubro da Cooperativa dos Ferroviários.

Em 1930, pela posição geográfica, Ponta Grossa tornou-se importante para as forças revolucionárias do Sul. O apoio da população e dos líderes locais foi claramente pró-revolucionário e Burzio tomou o mesmo partido, colocando à disposição dos rebeldes feridos sua experiência em Medicina de guerra. Situação análoga ocorreu dois anos depois no período da Revolução Constitucionalista em que a cidade tornou-se posto de evacuação de feridos a quem ele também prestou assistência médica.

Mesmo privado do auxílio do lendário enfermeiro Paulino Ferreira, morto em 1932, Burzio permaneceu ativo em Ponta Grossa até 1942, quando se mudou para São Paulo.

Três episódios da vida deste médico ilustram bem o alto conceito profissional que conquistou, apesar de viver numa cidade de interior do então relativamente pouco desenvolvido Paraná.

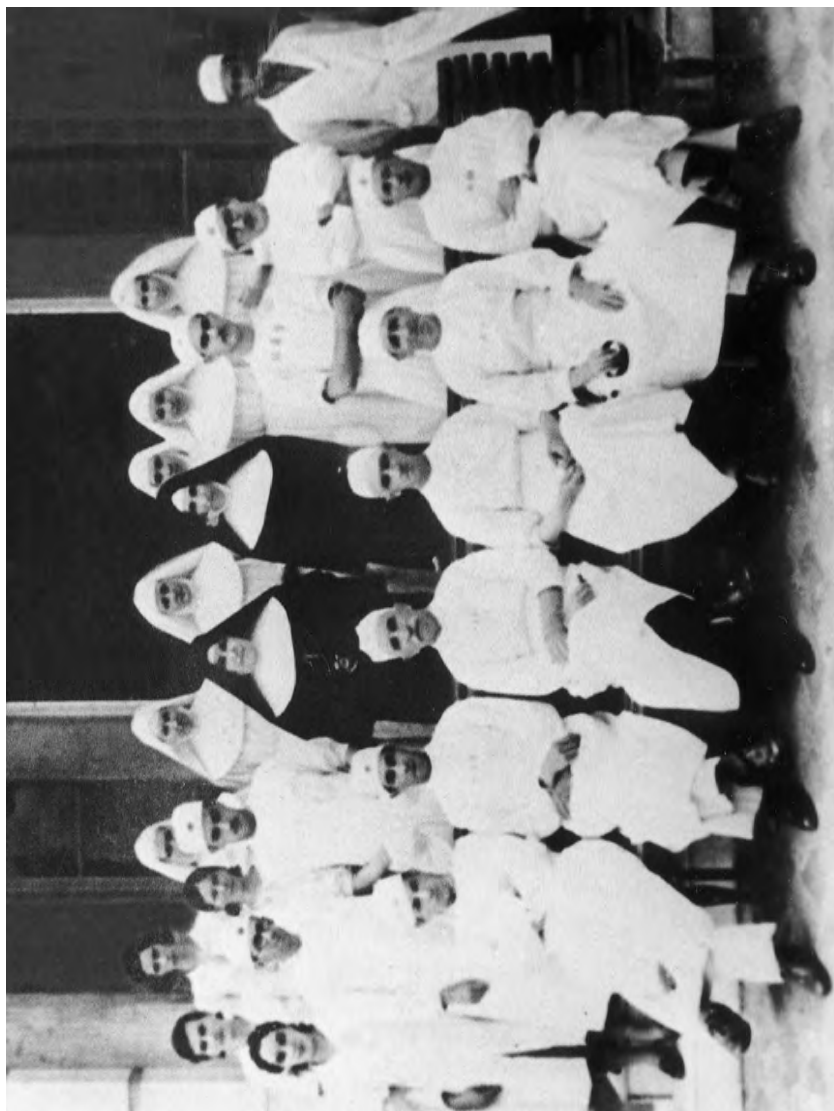
O primeiro, em 1913, ao ser um dos três eleitos pela recém-constituída Congregação da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná para reger a cadeira de Clínica Cirúrgica, que não chegou a assumir, pois a nomeação coincidiu com a sua ida à Itália durante a Primeira Guerra Mundial.

O outro, em maio de 1915, ao realizar uma operação cesariana em Florianópolis a pedido de médicos daquela localidade e que foi a primeira de que se

teve notícia em Santa Catarina.

O último ocorreu em dezembro de 1938. Num baile de formatura daquele ano houve uma briga na qual um dos envolvidos ameaçava seu opositor com um punhal. Milton Ferreira do Amaral, em generosa tentativa de evitar um desastre, interpôs-se entre os que lutavam e a fatalidade ironicamente o transformou em vítima. Esfaqueado na região crural teve a artéria lesionada e o tratamento cirúrgico de tal ferimento não era comum na época. Durante alguns dias reuniram-se em torno do leito de Milton os mais conceituados cirurgiões de Curitiba, somando suas capacidades para atender o desventurado e benquisto filho de Victor do Amaral, o médico mais respeitado do Estado. Burzio foi chamado e veio às pressas de Ponta Grossa participar da penosa decisão de salvar a vida do paciente à custa de uma amputação.

Francesco Burzio morreu em São Paulo no dia 17 de abril de 1961 aos oitenta e seis anos. O corpo foi transladado para Ponta Grossa, onde repousam seus restos e perdura seu nome na memória agradecida da cidade em que viveu por quatro décadas.

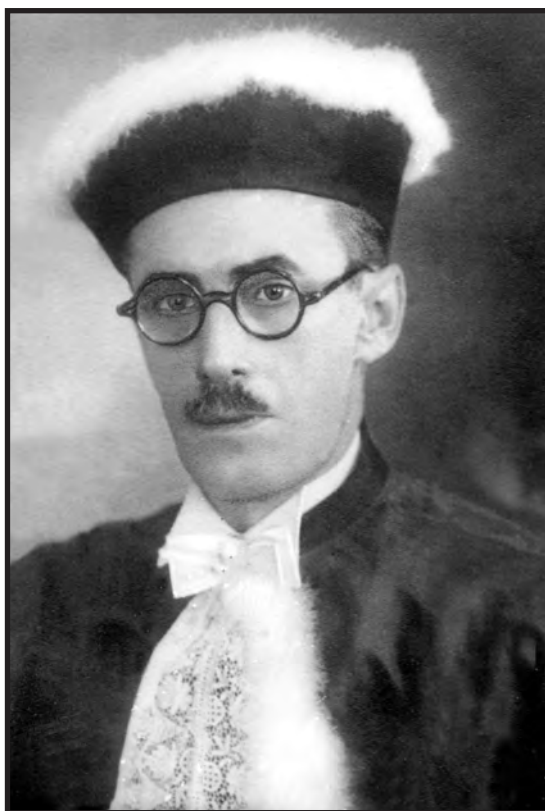


Grupo médico fotografado à frente do Hospital 26 de outubro, de Ponta Grossa, identificando-se, sentados, da esquerda para a direita, Antônio Russo, Júlio Azevedo, **Francesco Burzio**, Joaquim Antônio Loyola, Joaquim de Paula Xavier e Agostinho Ribas. De pé, na mesma ordem, Nadir Macedo da Silveira, Orlando Malucelli Moro e Epaaminondas Novais Ribas.

CADEIRA 18

Patrono
FRANCISCO MARTINS FRANCO

17/3/1888 – 8/5/1939



Fundador: ADYR SOARES MULINARI

FRANCISCO MARTINS FRANCO

17/3/1888 - 8/5/1939

Francisco Martins Franco, filho de Maria Josephina de Sousa e de Evaristo Martins Franco, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 17 de março de 1888.

Completoou o curso secundário no Ginásio Paranaense. Em 1908 matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e foi acadêmico-interno no Serviço de Clínica Médica do professor Rocha Faria. Formou-se em 1913 e obteve o grau de doutor defendendo a tese *Pleurites Mediastinais*.

Iniciou a carreira em Curitiba fazendo sempre questão de salientar que era clínico. Defendia o conceito de Clínica Médica como especialidade “das mais difíceis e ingratas”, definindo-a assim em sua aula inaugural em 1932. De 1915 a 1917 foi assistente da cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Paraná; em 1917, depois de lecionar Clínica Dermatológica e Sifiligráfica, passou a reger interinamente Clínica Propedêutica Médica e foi elevado a catedrático em 1918. Em virtude das alterações curriculares decorrentes da reforma do ensino superior de 1931, coube-lhe em 1932 a 1ª cadeira de Clínica Médica. A atuação de Martins Franco foi muito valiosa para manter a continuidade do ensino num período em que ocorreram várias alterações no currículo e na regência

das matérias. No setor administrativo deu contribuição igualmente valiosa como secretário da Faculdade de Medicina do Paraná de 1922 a 1933.

Em 1929 prestou concurso público defendendo a tese *Fisiologia da Raiz* e habilitou-se catedrático de História Natural no Ginásio Paranaense.

Em 1930 serviu como voluntário do Batalhão Revolucionário João Pessoa no posto de tenente-coronel médico da reserva e em 1932 voltou ao serviço ativo dirigindo o Hospital de Guerra de Itararé.

Como médico da Santa Casa de Misericórdia chefiou a enfermaria Santa Isabel e exerceu a direção clínica do hospital em 1932.

Em 1933 acumulou os cargos de diretor do Departamento de Saúde Pública do Paraná e de secretário do Interior e Justiça.

De 1935 a 1936 presidiu a Sociedade Médica dos Hospitais do Paraná que se fundiu ao Sindicato dos Médicos para formar a Associação Médica do Paraná.

Morreu em Curitiba no dia 8 de maio de 1939.



*Grupo de médicos na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba: de pé, da esquerda para a direita: Miguel Isaacson, Leonidas Ferreira, Eduardo Virmond, **Francisco Franco** e Milton de Macedo Munhoz. No segundo plano, da esquerda para a direita, Victor do Amaral Filho, Armando Petrelli, Mario Braga de Abreu e Joaquim de Matos Barreto. No terceiro plano, da esquerda para a direita: João Alves Tissot, Ozires Rego Barros, Murilo Ferreira, José Mendes de Araújo. Eugenio da Silva Lopes, Reinaldo Machado Filho e Dirceu Lacerda.*

CADEIRA 19

Patrono
GLAUCIO BANDEIRA
17/8/1915 – 20/12/1974



Fundador: HÉLIO BRANDÃO

GLAUCIO BANDEIRA

17/8/1915 – 20/12/1974

Glaucio Bandeira, filho de Joana Bandeira e Silva e de Euclides da Motta Bandeira e Silva, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 17 de agosto de 1915.

Fez o curso secundário no Ginásio Paranaense e em 1936 formou-se médico na Faculdade de Medicina do Paraná e professor na Escola Normal de Curitiba.

Ainda estudante foi monitor dos alunos da cadeira de Clínica Médica na Santa Casa de Misericórdia e depois de formado passou a fazer parte do Corpo Clínico do hospital. De 1937 a 1940 trabalhou como assistente da cadeira de Terapêutica Clínica no Serviço do professor Aluizio França.

A impecável atuação de Glaucio Bandeira na Previdência Social levou-o várias vezes a cargos diretivos. De 1939 a 1965 foi médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, de 1950 a 1962 chefiou os Ambulatórios e em 1965, os Serviços Médicos do mesmo Instituto. De 1954 a 1962 foi médico-chefe da Associação do Pessoal da Caixa Econômica do Paraná e dirigiu a Junta de Inspeções Médicas da mesma autarquia. Em 1941 trabalhou no Instituto do Funcionário Público do Paraná.

Fez diversos cursos de especialização no Brasil e no exterior estagiou no Hospital Saint Helen de

Londres, no Kantonal Krankenhaus de Zurique, no Hôpital Larabosière de Paris e no Instituto de Oncologia de Lisboa. Também se associou a várias entidades culturais, entre elas o American College of Chest Physicians.

Glaucio Bandeira destacou-se como intelectual e escritor, seguindo as pegadas do pai, Euclides Bandeira. Publicou muitos trabalhos científicos na imprensa médica nacional e quatro livros: *Euclides Bandeira: Roteiro Biográfico*; *Fatos e Documentos*; *Recolta de Emoções* e *América de Relance*. O Centro de Letras do Paraná aclamou-o presidente e em sua gestão ele levou a termo a construção da sede própria da Instituição. Ajudou a fundar e, de 1965 a 1966, foi o primeiro presidente eleito da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Fez o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva de Curitiba com estágio no 15º Batalhão de Caçadores. Durante a Segunda Guerra Mundial foi convocado para o serviço ativo no 3º Regimento de Artilharia Montada e na 5ª Formação Regional de Saúde. Pelo exemplar cumprimento dos deveres militares recebeu a Medalha de Guerra em 1946 e muitas outras distinções.

Morreu em Curitiba em 20 de dezembro de 1974.



Glaucio Bandeira dedicou-se intensamente às atividades culturais e participou ativamente de entidades literárias. Foi presidente do Centro de Letras do Paraná, cuja sede própria foi construída por sua iniciativa. Em 1965 como um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores foi eleito seu primeiro presidente.

CADEIRA 20

Patrono
HAROLDO TREVISANI BELTRÃO

30/8/1904 – 22/7/1969



Fundador: LUIZ FERNANDO BITTENCOURT BELTRÃO

HAROLDO TREVISANI BELTRÃO

30/8/1904 - 22/7/1969

Haroldo Trevisani Beltrão, filho de Lavínia Trevisani e de Francisco Gutierrez Beltrão, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 30 de agosto de 1904.

Cursou o primário na Escola Americana de Curitiba e o secundário no Colégio Anglo-Brasileiro em São Paulo e no Ginásio Paranaense em Curitiba. Em 1929 graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi acadêmico-interno na Casa dos Expostos no Serviço do professor Martinho da Rocha Filho de 1926 a 1929, da 20ª Enfermaria da Santa Casa no Serviço do professor Irineu Malagueta de 1927 a 1929, da Maternidade Pró-Mater no Serviço do professor Fernando de Magalhães de 1928 a 1929, do Pronto-Socorro do Meyer em 1928 e do Pronto-Socorro Central em 1929.

Voltou ao Paraná, casou-se e iniciou a prática médica em Ponta Grossa, onde criou sólida reputação profissional dedicando-se à Pediatria. Atendia a numerosa clientela no consultório, no Hospital 26 de Outubro da Cooperativa dos Ferroviários, na União Protetora dos Operários e no Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes. Em 1936 fundou a Clínica da Criança que passou a dirigir.

Em 1939, convidado pelo então interventor Ma-

noel Ribas, Haroldo Beltrão assumiu em Curitiba a direção do Hospital de Crianças da Cruz Vermelha na qualidade de puericultor da Secretaria de Saúde do Estado. Conferiu à administração do hospital o método, o dinamismo e a competência que lhe eram peculiares aumentando o número de leitos e iniciando a construção da nova ala para os Serviços de Cirurgia e de Ortopedia. Em 1951 foi nomeado diretor do recém-criado Departamento da Criança do Estado e durante a sua gestão, encerrada em 1955, criou cem postos de proteção à infância espalhados por todo o Estado.

Ligado a César Pernetta por laços familiares e pela amizade e fazendo parte do grupo de pediatras da escola do professor Raul da Costa Carneiro, Haroldo Beltrão contribuiu muito para o ensino da especialidade no Paraná. Em 1940, aprovado em concurso defendendo a tese *Reação de Schick na Profilaxia da Difteria*, obteve o título de docente-livre da cadeira de Clínica Pediátrica Médica e Higiene Infantil da Faculdade de Medicina do Paraná, disciplina da qual se tornou assistente em 1941.

De 1941 a 1944 lecionou Pediatria na Escola de Samaritanas da Cruz Vermelha do Paraná e na Escola de Enfermagem Madre Leonie da Universidade Católica do Paraná

Em 1944, aprovado em outro concurso com a tese *Fisiopatologia do Líquido Céfalo-Raquidiano na Criança*, passou a professor-adjunto da Faculdade de Medicina do Paraná.

Em 1946, concluiu em primeiro lugar o curso de

Organização e Administração do Departamento Nacional da Criança no Rio de Janeiro e estagiou no Instituto Fernandes Figueira e ingressou na equipe médica da Legião Brasileira de Assistência, onde desenvolveu um grande trabalho de proteção ao binômio mãe-filho.

Foi presidente do Departamento de Puericultura e Pediatria da Associação Médica do Paraná e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria no biênio 1950-1952. Participou de todas as jornadas brasileiras de Pediatria, compareceu a inúmeros congressos como relator de temas oficiais, membro de mesas-redondas e apresentador de temas científicos e publicou vários trabalhos na imprensa médica.

Começou uma nova fase na carreira na administração do Hospital de Clínicas da Universidade do Paraná. De 1956 a 1960 participou da comissão de construção e em 1961, da comissão de equipamento. Em 1962 trabalhou na organização da divisão administrativa e foi designado diretor da divisão médica. A maneira metódica, decisiva e ponderada de agir, o respeito que merecia dos professores mais jovens e o acatamento de seus contemporâneos, tornou a sua atuação à frente dos serviços médicos do novo Hospital Escola - de dimensões que superavam muito os que até então existiam no Paraná e cujas características universitárias traziam dificuldades peculiares - de fundamental importância.

Presidiu o Clube Curitibano e participou das celebrações do Centenário da Emancipação Política do Paraná.

Morreu no dia 22 de julho de 1969 e deixou um filho médico, Luiz Fernando Bittencourt Beltrão, cirurgião-pediátrico e professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná e na Universidade Federal do Paraná.



*Aula prática de Pediatria aos alunos da turma de 1950, na Maternidade Victor do Amaral, vendo-se os professores Homero de Mello Braga e **Haroldo Trevisan Beltrão** e os acadêmicos Reginaldo Werneck Lopes, Guiomar Gasparello e Ana Bruck da Silveira.*

CADEIRA 21

Patrono
HERALDO DE OLIVEIRA MELLO

22/9/1917 – 10/12/1970



Fundador: ORLANDO DE OLIVEIRA MELLO
2º Titular: FRANCISCO GREGORI JÚNIOR

HERALDO DE OLIVEIRA MELLO

22/9/1917 - 10/12/1970

Heraldo de Oliveira Mello, filho de Ana Clara de Almeida e de João Batista de Oliveira Mello, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 22 de setembro de 1917.

Curso o primário e o secundário em Curitiba e em 1943 graduou-se em Medicina na Faculdade de Medicina do Paraná.

Iniciou a carreira em Paranaguá, como médico no Primeiro Distrito Sanitário e desincumbiu com exatidão as funções a ele atribuídas. Em 1945 passou a integrar o Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia daquela localidade e foi o primeiro Radiologista de Paranaguá. Fez funcionar o equipamento de radiologia que a administração do hospital adquirira para suprir uma necessidade básica da cidade e que estava parado por falta de um especialista. De temperamento amável, e realizando um trabalho muito útil aos médicos e à comunidade, era muito benquisto na comunidade.

Voltou para Curitiba em 1946 e continuou a dedicar-se e a aperfeiçoar-se em Radiologia. Incentivado pelo irmão, Orlando de Oliveira Mello, entrou para o Corpo Clínico da Santa Casa de Misericórdia da capital paranaense como radiologista no Serviço do professor Milton de Macedo Munhoz e associou-se ao irmão, Orlando, na criação do Instituto do Radium

São Luiz, entidade privada para tratamento de radium, radioterapia e outros procedimentos fisioterápicos. Também trabalhava no Setor de Radiologia da Secretaria de Saúde do Estado.

Membro das associações da especialidade que se organizavam no Paraná e no país, em 1948 representou a Secretaria de Saúde na Primeira Jornada Brasileira de Radiologia realizada em São Paulo.

Em 1949 fez estágios de aperfeiçoamento em Buenos Aires e em Montevideu.

Participou assiduamente de eventos científicos de Radiologia apresentando temas ou participando de mesas-redondas e simpósios. Teve vários trabalhos publicados em revistas médicas brasileiras.

Em 1953 foi designado membro titular do recém-organizado Colégio Brasileiro de Radiologia.

Na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná exerceu voluntariamente o cargo de assistente na cadeira de Terapêutica Clínica, antes que esta fosse transferida da Santa Casa para o Hospital de Clínicas em 1961.

Deixou um filho médico, Heraldo de Oliveira Mello Filho, radiologista e professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Morreu em Curitiba em 10 de dezembro de 1970.



*A IV Jornada Brasileira de Radiologia realizou-se em Curitiba. Sua sessão inaugural foi presidida por Flávio Suplicy de Lacerda, reitor da UFPR. Atrás dele, de pé, **Heraldo de Oliveira Mello**.*

CADEIRA 22

Patrono
JOÃO ALFREDO BLEY ZORNIG
11/12/1902 - 1/9/1945



Fundador: RUY NORONHA MIRANDA

JOÃO ALFREDO BLEY ZORNIG

11/12/1902 – 1/9/1945

João Alfredo Bley Zornig, filho de Maria Luiza Bley e de Guilherme Zornig, nasceu em Rio Negro, Paraná, no dia 11 de dezembro de 1902.

A família Zornig mudou-se para Curitiba e João Alfredo completou o curso secundário no Ginásio Paranaense. Em 1923 graduou-se farmacêutico na Faculdade de Medicina do Paraná, profissão que exerceu no interior do Estado por aproximadamente três anos. Ao voltar a Curitiba foi admitido como auxiliar do Serviço Médico da Caixa de Aposentadoria e Pensões da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande. Em 1927 matriculou-se na Faculdade de Medicina e passou a trabalhar no Departamento de Saúde Pública do Paraná. Formou-se em 1932 e iniciou a carreira como médico da Caixa Econômica Federal, da empresa Leão Júnior e da Companhia Atalaia de Seguros, onde assumiu a chefia do Serviço.

Em 1930 participou do movimento revolucionário servindo no contingente médico do 15º Batalhão de Caçadores. Sempre dedicado aos ideais de transformação das condições sociais da república velha, voltou a engajar-se nas tropas legalistas da Revolução Constitucionalista de 1932 como capitão-médico do 1º Regimento de Reserva da Polícia Militar do Estado do Paraná.

Em 1936 foi transferido do Departamento de Saúde Pública do Estado para o Serviço Sanitário da Municipalidade de Curitiba na qualidade de inspetor médico.

Um dos precursores da Endocrinologia no Paraná, introduziu em Curitiba o recurso laboratorial de determinação da taxa de metabolismo basal, um dos mais importantes métodos da época, para diagnóstico, controle terapêutico e seguimento das doenças da tireoide. Foi também um dos primeiros a se interessar e a praticar o manuseio médico da obesidade.

O ideal político que nutriu desde a juventude foi bem definido por Joaquim de Matos Barreto, amigo e colega de turma: *Colocou-se ao lado da verdade, da justiça, do direito, da liberdade, do interesse e da honra nacional. E a seu serviço emprestou a convicção, a razão, a persuasão, a eloqüência.*

Morreu precocemente em 1º de setembro de 1945 e deixou um filho médico, Luiz Fernando Zornig, oftalmologista.



Grupo de alunos da cadeira de Técnica Operatória e Cirurgia Experimental, durante o ano de 1930, tendo à frente, no centro, o professor Dante Romanô. De pé, o quarto aluno, da esquerda para a direita, João Alfredo Bley Zornig, de óculos.

CADEIRA 23

Patrono
JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

21/3/1864 – 20/2/1948



Fundador:
JOÃO CÂNDIDO FERREIRA DA CUNHA PEREIRA

JOÃO CÂNDIDO FERREIRA

21/3/1864 - 20/2/1948

João Cândido Ferreira, filho de Ana Leocadia Maciel e de João Cândido Ferreira, nasceu na Lapa, Paraná, no dia 21 de março de 1864. Recebeu dos pais esmerada educação e seguiu para o Rio de Janeiro onde completou o curso de Humanidades e matriculou-se na Faculdade de Medicina. Destacou-se nos estudos e, ainda acadêmico, frequentou o Serviço de Clínica Médica do professor Torres Homem. Demonstrando o temperamento liberal, engajou-se nos movimentos abolicionista e republicano. Formou-se em 1888 e obteve o grau de doutor com a tese *Diagnóstico e Tratamento das Neurites Periféricas*.

João Cândido iniciou a carreira na Lapa em amistosa convivência com Manoel Pedro Santos Lima que lá clinicava. Anos mais tarde, em conferência na Associação Médica do Paraná que celebrava o centenário de Manoel Pedro, fez generosas referências ao colega com quem conviveu uma década e a quem se referiu como “um mestre insigne”.

Ganhou renome na Lapa e o prestígio e a estima que merecia de seus concidadãos que elegeram-no prefeito municipal em 1892. Naquele período a cidade foi submetida ao histórico cerco em que por dias os florianistas, em decisiva ação para a vitória final,

opuseram brava resistência ao assédio dos maragatos. Durante o cerco João Cândido dirigiu o Hospital de Sangue, desvelou-se no atendimento dos feridos e assistiu os últimos momentos de vida do general Carneiro.

Foi eleito deputado estadual em 1896 e deputado federal em 1901. Contudo, o envolvimento político não representou o abandono da Medicina e dos estudos, pois datam dessa época várias de suas publicações médicas.

Em 1899 destacou-se nacionalmente ao ser escolhido membro correspondente da Academia Nacional de Medicina apresentando a memória *Influência da Gravidez Sobre as Doenças do Coração* em que, baseado em observações próprias, defendia a ideia de amenizar a aplicação do célebre aforismo de Peter: *Fille, pas de mariage; femme, pas de accouchement; mère, pas de alaitment*.

Em 1904 foi eleito vice-presidente do Paraná e em 1907, presidente do Estado, mas desiludido com as artimanhas partidárias da coligação que reconciliava maragatos e pica-paus, renunciou ao cargo e voltou a dedicar-se exclusivamente à Medicina. Passou a trabalhar na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba chefiando uma das enfermarias.

Em 1913 foi estudar em Paris e na volta tornou-se catedrático da cadeira de Clínica Médica na Faculdade de Medicina do Paraná, que ele e o amigo e cunhado Victor do Amaral haviam ajudado a fundar. João Cândido foi um dos baluartes da faculdade e

muito contribuiu para consolidá-la nos anos difíceis do início da Instituição.

Em 1916 inaugurou o ensino clínico na enfermaria que chefiava na Santa Casa. Lendário mestre das gerações de médicos que nas décadas seguintes passaram pela faculdade, João Cândido ao mesmo tempo em que impunha respeito era cortês e bondoso. Para seus contemporâneos foi inevitável o paralelo entre ele e Miguel Couto, o grande mestre de Clínica Médica do Rio de Janeiro. Exerceu a cátedra por três décadas e serviu de exemplo aos alunos. Inúmeras vezes homenageado e paraninfou a turma de seus primeiros alunos, também a primeira de médicos formados na Faculdade de Medicina do Paraná, e foi patrono da última turma que recebeu seus ensinamentos.

Publicou muitos trabalhos científicos, alguns de repercussão nacional, entre eles: *Superalimentação na Tuberculose Pulmonar*, *Profilaxia da Febre Tifoide em Curitiba*, *Charlatanismo*, *Balanço Metapsíquico*, *Espiritismo*, *Injeções Intradérmicas de Histamina Contra Algias e Doenças Alérgicas*. Também escreveu depoimentos políticos e estudos biográficos, como *Gomes Carneiro e o Cerco da Lapa*, *Vida do Dr. Faivre*, *Dr. Manoel Pedro*, *História dos Trabalhos Médicos Cirúrgicos Durante o Cerco da Lapa*.

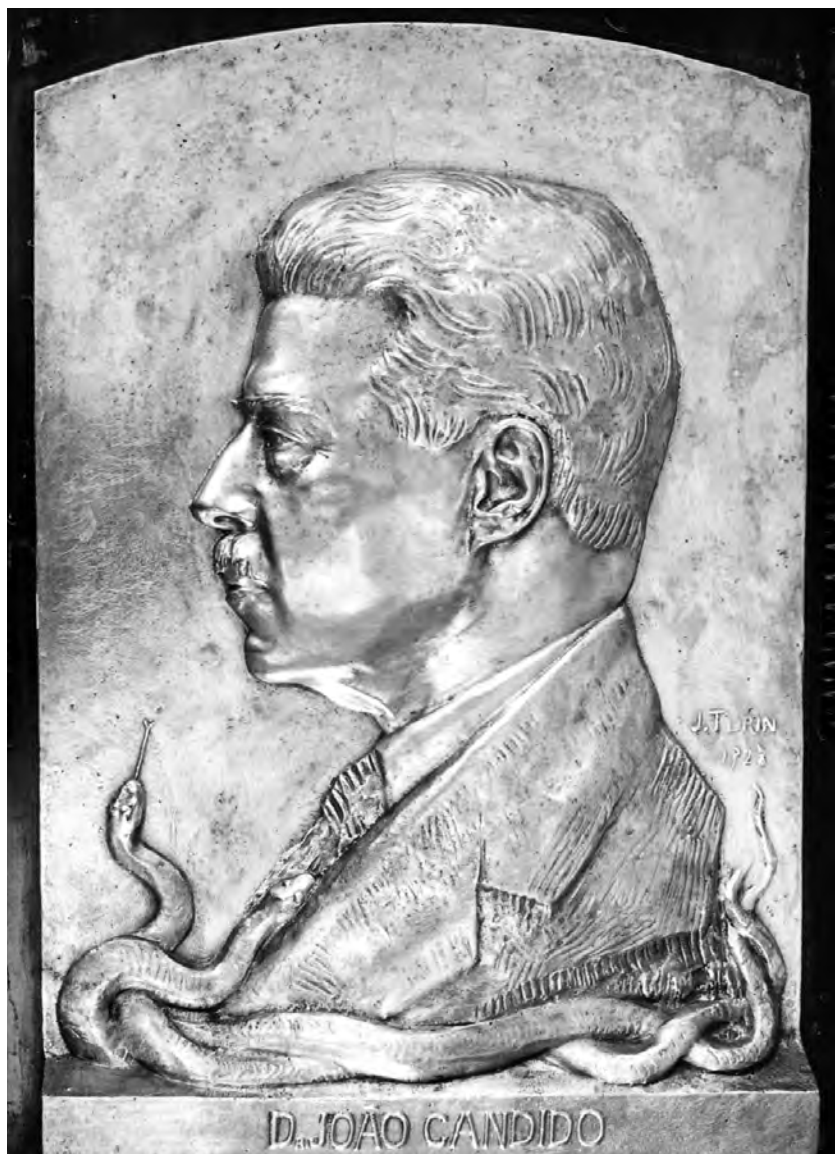
Demonstrou a importância do contágio hídrico na febre tifoide e agiu decisivamente para interromper o uso de água contaminada e cessar as epidemias na Lapa. Também se preocupou e publicou vários artigos sobre o tratamento e a prevenção da tuberculose. Em

certa ocasião argumentou contra a superalimentação no tratamento da doença envolvendo-se em memorável polêmica na imprensa curitibana com João Evangelista Espíndola, ardoroso defensor da polifagia. O episódio permite ressaltar que João Cândido, embora tivesse personalidade amena, cavalheiresca e paternal, era firme e combativo ao defender suas ideias.

Morreu em Curitiba, em 20 de fevereiro de 1948.

Deixou quatro filhos médicos: Leonidas do Amaral Ferreira, professor de Oftalmologia, Celso do Amaral Ferreira, professor de Otorrinolaringologia, Murilo do Amaral Ferreira, livre-docente de Clínica Médica e Alceu do Amaral Ferreira, clínico.





João Cândido Ferreira foi, por excelência, Professor de Medicina. Na Santa Casa, onde ensinou durante quarenta anos, um belo bronze, com sua figura, obra de João Turim, pereniza sua memória.

CADEIRA 24

Patrono
JOÃO EVANGELISTA ESPÍNDOLA

27/12/1860 – 9/2/1934



Fundador: EGAS PENTEADO IZIQUE
2º Titular: FERNANDO SILVEIRA PICHETH

JOÃO EVANGELISTA ESPÍNDOLA

27/12/1860 - 9/2/1934

João Evangelista Espíndola, filho de Ana Gomes de Oliveira e de Francisco de Abreu Espíndola, nasceu em São Pedro, Rio Grande do Sul, no dia 27 de dezembro de 1860.

Formou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e obteve o grau de doutor em 1883 defendendo a tese *Da Isquemia Cirúrgica e sua Influência Sobre o Resultado das Operações Cirúrgicas*, que analisava o método de produzir isquemia pelo uso de garrotes visando obter ausência de sangramento no campo operatório.

Em 1855 fixou-se em Paranaguá como inspetor da saúde do porto e mais tarde, com a morte de Leocádio Corrêa, assumiu a direção da Santa Casa de Misericórdia daquela localidade. Foi também diretor do Departamento de Higiene Municipal e médico da Escola de Aprendizes de Marinheiros. Figura de destaque na cidade, em novembro de 1887 recebeu da Câmara Municipal de Paranaguá a Medalha de Honra ao Mérito por serviços prestados à comunidade.

Em 1894, durante a invasão de Paranaguá pelas forças federalistas, Espíndola chefiou o Corpo de Saúde do Exército Libertador. Com a derrota dos maragatos mudou-se para Curitiba.

Na capital paranaense teve uma carreira bem sucedida. Serviu o exército como médico-adjunto da guarnição de Curitiba, função da qual se exonerou em 1897 porque outras atividades profissionais o impediam de continuar a cumprir os deveres militares. Na ocasião recebeu louvor do comando do distrito militar pelos notáveis serviços prestados.

Em 1895 passou a trabalhar no Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia, onde até então só atuava Antonio Rodolpho Pereira Lemos. Em 1899 Victor do Amaral juntou-se a eles e em 1901, José Guilherme de Loyola e Miguel Santiago. João Evangelista Espíndola exerceu a direção clínica do hospital de 1908 a 1928. Clínico e cirurgião, atendia os doentes com permanente empenho, conforme está registrado nos livros de assentamento diário do velho hospital.

Interessava-se particularmente pelo tratamento da tuberculose. Em 1901 publicou um livro defendendo a superalimentação, causa de acerba polêmica publicada nos jornais locais entre ele e João Cândido Ferreira, que levou o assunto à Academia Nacional de Medicina em memória que lhe valeu o título de Membro Correspondente.

Em 1903 Espíndola fazia cirurgia de hérnia usando dispositivos metálicos para obstruir o orifício da parede abdominal e o fato repercutiu na imprensa que considerou a intervenção um sinal de avanço técnico, opinião contestada publicamente por Menezes Doria que a julgava corriqueira. Assim, estava armado o cenário para um mais debate pelos jornais.

Em 31 de outubro de 1907, João Evangelista realizou a primeira operação cesariana do Paraná auxiliado por Reynaldo Machado e tendo Cláudio Lemos como cloroformista.

Em 1912 instalou na rua Marechal Deodoro a Casa de Saúde São Sebastião, uma das primeiras na cidade e onde foram atendidos muitos feridos da polícia militar na época da Campanha do Contestado.

Em 1913 a recém-organizada Congregação da Faculdade de Medicina selecionou-o para reger a cadeira de Clínica Propedêutica Médica no 2º e no 3º ano do curso e em 1919, a disciplina de Higiene. Também colaborou com a faculdade participando de várias bancas de concurso e da revalidação do diploma de médicos estrangeiros. Em 1925 renunciou ao cargo de professor da Faculdade de Medicina, que o manteve em disponibilidade em atenção aos serviços por ele prestados ao estabelecimento.

Em 1917 foi fundada a Cruz Vermelha do Paraná e Espíndola foi membro do Conselho Diretor e vice-presidente da primeira diretoria eleita, posições a que foi reconduzido por dez anos consecutivos. Em 1926 agraciaram-no com o título de Grande Benemérito do Hospital.

Ao longo da carreira exerceu cargos públicos de relevo. Foi o primeiro diretor do Hospital Oswaldo Cruz, inspetor federal do Ginásio Paranaense, diretor do Departamento de Higiene Municipal de Curitiba e membro do conselho penitenciário. Na estrada de ferro São Paulo - Rio Grande chefiou o Serviço de

Acidentes do Trabalho.

Em Paranaguá foi redator dos jornais *Razão e Século* e em Curitiba escreveu regularmente nos jornais *A República*, *A Notícia*, *Diário da Tarde*, *Gazeta do Povo e Comércio do Paraná*. Também redigiu, junto com Victor do Amaral e Reinaldo Machado, a *Gazeta Médica do Paraná*, o primeiro periódico médico paranaense e cujo número inicial foi publicado em 19 de agosto de 1901. A partir de junho de 1904 a publicação passou a chamar-se *Gazeta Médica* e tornou-se o órgão oficial da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Paraná, a mais antiga das agremiações de classe do Estado.

Elegeram-se deputado pela Assembleia Legislativa do Paraná nas legislaturas de 1900/1, 1904/5 e 1906/7.

Morreu no dia 9 de fevereiro de 1934 e deixou um filho médico, Oscar Alves de Araújo Espíndola, que seguiu a carreira militar e alcançou o generalato.



*A primeira operação de catarata do Paraná foi feita em 1904, Dr. José Guedes de Mello, na Santa Casa. Vemos o operador, na cabeceira do paciente. À sua direita, **João Evangelista Espíndola** e, mais atrás, Miguel Severo Santiago. À esquerda, Victor do Amaral.*

CADEIRA 25

Patrono
JOAQUIM DE MATOS BARRETO

24/9/1908 – 2/6/1970



Fundador: ARY DE CHRISTAN
2º Titular: JURANDIR MARCONDES RIBAS FILHO

JOAQUIM DE MATOS BARRETO

24/9/1908 - 2/6/1970

Joaquim de Matos Barreto, filho de Isaura Braga de Matos e de Aníbal Campos Barreto, nasceu em Curitiba, Paraná, no dia 24 de setembro de 1908.

Completoou o curso primário no Grupo Escolar Xavier da Silva e o ginásial no internato do Ginásio Paranaense. Graduou-se na Faculdade de Medicina do Paraná em 1932 e obteve o grau de doutor com a tese *Síndrome Êntero-Renal Colibacilar* desenvolvida no Serviço de Urologia da Santa Casa de Misericórdia sob a orientação de Loureiro Fernandes e aprovada com distinção.

Iniciou a carreira em Marechal Mallet onde permaneceu por aproximadamente dois anos. Voltou para Curitiba em 1934, foi trabalhar na mina de ouro de Timbituva em Campo Largo e, a seguir, no Serviço de Urologia de Loureiro Fernandes, cuja influência levou Matos Barreto a exercer o magistério.

Começou a trabalhar na Faculdade de Medicina do Paraná como assistente da cadeira de Histologia e assumiu a regência da disciplina em 1940. Em 1941 prestou concurso para catedrático e foi brilhantemente aprovado defendendo a tese *Hematias Grânulo-Filamentosas e Tireóide na Eritropoiese*, trabalho que refletia os conhecimentos adquiridos no estágio de

Hematologia feito com José Oria em São Paulo. Matos Barreto foi o primeiro médico a dedicar-se ao estudo específico das doenças do sangue no Paraná.

Além de reger as cadeiras de Histologia e Embriologia Geral nos cursos de Medicina e de Odontologia, assumiu a Secretaria da Faculdade de Medicina do Paraná. Em 1957, com a federalização da universidade, foi um dos primeiros professores a adotar o regime de tempo integral e dedicação exclusiva.

As preocupações espirituais e humanísticas de Matos Barreto ultrapassaram o ensino universitário. Desde os tempos em que praticava Medicina nas minas de ouro de Timbituva teve a atenção voltada para as condições de higiene e para os cuidados preventivos das doenças profissionais. Este interesse explica bem o trabalho que desenvolveu em 1952, no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto, organizando a Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural, instituição de grande alcance social.

Em 1954 deixou a Fundação e assumiu a Secretaria da Educação e Cultura, ainda na gestão de Munhoz da Rocha Neto, e em 1955 foi secretário de Saúde Pública do governo de Adolfo de Oliveira Franco.

Profundamente religioso e católico praticante foi líder mariano no Paraná e participante do Movimento da Democracia Cristã, liderado pelo padre Lebrecht. Também fez parte do grupo de intelectuais que deu origem ao Círculo de Estudos Bandeirantes e à Faculdade Católica de Filosofia Ciências e Letras, posteriormente integrada à Universidade Federal do Paraná.

Em 1961, no governo de Ney Braga, voltou a atuar no conselho da Fundação de Assistência ao Trabalhador Rural. Afastou-se em 1966 por problemas de saúde.

Morreu em Curitiba no dia 2 de junho de 1970.



Joaquim de Matos Barreto foi o primeiro médico paranaense a se dedicar especialmente ao estudo das doenças do sangue. Tendo estagiado na Universidade de São Paulo com José Oria, instalou em Curitiba o primeiro consultório de Hematologia. Na fotografia vê-se Matos Barreto ao microscópio.